

Argentina, uma mulher é presidente (Cristina Kirchner); uma mulher é presidente do Chile (Michelle Bachelet). Então, a América Latina é um panorama de mudanças. Na Alemanha, Angela Merkel. Então, tantas mulheres em postos importantes relacionados ao poder. Mas, é muito difícil transitar em meios e situações que foram predominantemente masculinas. Eu citaria ainda, dentro da minha profissão, o ambiente cirúrgico. Isso, tradicionalmente, sempre foi um trabalho de homens. Então, às vezes, brinco com as residentes, da ginecologia e da obstetria, por exemplo, que a gente vê tomando atitudes e posturas muito similares às que os homens adotam na forma de atuar junto aos pacientes. Nas mulheres, eu entendo isso como uma defesa e uma sobrevivência no meio. Embora eu não concorde jamais com esse tipo de atuação. Acho que se pode atuar, firme, delicada e femininamente em qualquer situação. Embora seja muito difícil, mas eu acho que se possa fazer isso. Como se pode mudar isso? Trabalhar com os homens estruturados, fixados, rígidos com relação a essa postura, é muito difícil. É como jogar semente na areia. A gente propõe educação baseada em teorias de gênero, igualdades entre homens e mulheres muito cedo. A escola tem um papel importantíssimo nisso. As escolas médicas teriam um fator muito importante em ensinar isso, junto com as questões que se ensinam na ordem biomédica, por exemplo. Existem “n” patologias que são causadas por assimetrias de gênero: a violência sexual feminina, a violência sexual contra as adolescentes. Isso se dá por alterações e por poderes relacionados com assimetria de gênero vinculadas a toda essa teoria de patriarcalismo, do pátrio-poder. Então, como se trabalha: com as meninas, na situação de tentar educá-las. A (escritora) Simone de Beauvoir coloca que a mulher era o outro, mas com letra minúscula. Mas a mulher precisa se tornar o “outro” com letra maiúscula, para si e para os outros e que se é o projeto que se faz de si. Para as meninas, por exemplo, que é minha área de trabalho, a gente pode tecer trabalhos preventivos importantes. Com relação a isso, é se trabalhando a questão das teorias de gênero, dos estudos de gênero. O que é isso? É o ‘empoderamento’ das questões femininas. É não mais educar a mulher prioritariamente para maternidade, como sempre foi até hoje. Essa realidade está se modificando em função de mercado, em funções de “n” situações. Há um tempo atrás fiz um trabalho com adolescentes e foi perguntado assim: ‘O que seria importante para tua vida hoje? O que mais gostaria?’ A ordem que elas davam era: quero casar, ter filhos e quero trabalhar. Então, uma das situações que se pode inverter é: ter filhos é uma situação importante? Sim! Extremamente importante, sempre vai ser. Mas, vamos tentar, apenas, inverter a ordem das coisas nas prioridades que são dadas. Por que não, o que mais ou menos está acontecendo hoje, tentar a formação, tentar a autonomia, que é um dos pilares básicos da sustentação, do crescimento e do empoderamento feminino? É a questão da autonomia vinculada à questão do trabalho e à questão da independência financeira. Então, com essas coisas atreladas e mais ou menos organizadas, ter filhos

é uma experiência fundamental, extremamente importante e, aí sim, oportuna. Então, não se comporta só com essa situação, de que maternidade é o ponto fundamental, mesmo que isso seja ao nível inconsciente. Em um trabalho educacional se traz a consciência disso: ser mãe é importante, sim! Mas em que momento? É essa a questão. Trabalhar os momentos das possibilidades femininas. Não dizer que não é importante, e que isso não deve acontecer. Mas cada coisa no seu momento. E a autonomia vem por qual via? Pela via que sempre foi ensinada aos homens: você tem que trabalhar para sustentar sua família. Ninguém dizia para um homem: “pode ficar tranquilo, ficar em casa e arranjar uma boa mulher, com um bom salário para ela sustentar. E o tu cuida da casa e dos filhos, fica bem.” Pais e mães têm papéis importantes nisso, mães fundamentalmente. Esse processo que chamamos de ‘maternagem’, pois nós é que educamos os homens.

P- A escola e outros setores poderiam incidir mais nessas mudanças de pensamento?

R- Podem. Mas, isso deveria começar em casa. A criança, às vezes, não aprende pelo que se diz. Aprende por modelagem e pelo que ela vê e percebe. Então, ela deveria ver relações simétricas para incorporar e reparar relações simétricas. A verdade é que ela não vê relações simétricas e, às vezes, recebe um discurso de ambígua simetria; mas, na realidade, ela vê o pai como chefe de família – hoje se sabe que, no Brasil, 30% das famílias têm as mulheres como chefe. Então, eu acho que é uma questão basicamente educacional, mas como mudar a cultura? São vários focos simultâneos de longa data.

P- Nos dias atuais, dá para se dizer que há uma certa liberalidade em termos educacionais, com a divulgação de todo o tipo de informação dos meios de comunicação. É possível também afirmar que existe uma educação igualitária entre homens e mulheres, em relação a valores e temas como o da sexualidade?

R- Não, acredito que não. Embora essa questão tenha melhorado significativamente nos últimos anos, principalmente depois dos movimentos feministas, pós-pílula anticoncepcional, pós-anos 60, eu acho que houve uma mudança extremamente importante na educação prioritariamente e em todo o sistema cultural e, atrelado a isso, uma modificação de comportamentos. A gente pode dizer que a mudança de valores internos em uma pessoa, é quase um sistema, quase geracional. Isso quer dizer que, para que se mude constantemente uma perspectiva comportamental, real, incorporada, vivida pelas pessoas, leva em torno de 50 anos. Então, acho, que a educação de homens e mulheres, meninos e meninas, nos últimos 50/60 anos, obviamente se modificou substancialmente. Mas, de modo algum estão em termos igualitários. Te dou um exemplo: Simone de Beauvoir

coloca que um dos eixos básicos da estruturação da mulher no social, seria através do seu trabalho, e através do seu trabalho a promoção da sua autonomia como pessoa. Assim, uma das principais questões que mudou na educação, e que mudou na atuação feminina é principalmente a independência da mulher em relação ao trabalho, em relação ao seu ganho pessoal, ao sustento, que lhe dá maior mobilidade em todos os campos. Mas, eu acho, por exemplo, que ainda a mulher tem, na sociedade atual, muito embasada no processo cultural e no machismo, a questão da maternidade como eixo fundamental, estruturante de sua vida. Não que a maternidade não seja algo importante, eu preciso enfatizar isso, ela é muito importante, mas é uma escolha, e não um determinante biológico. Baseado nessa autonomia, eu acredito que mudou o comportamento das mulheres, mas o processo educacional ainda é muito diferenciado. Dificilmente um pai e uma mãe chegam para o filho e dizem: - Filho, você fique tranquilo, você tem um futuro promissor, você vai chegar ali na frente e vai ter uma mulher que vai trabalhar bem e ganhar um bom salário e vai promover teu sustento.

Não precisa ter preocupações com isso. Dificilmente aconteceria isso com homens, nem nas sociedades mais libertárias que possam existir. Mas, na mulher isso não é vigente, digamos, nas classes médias e altas, mas é vigente nas classes mais baixas, onde a maternidade constitui um dos processos fundamentais para ascensão social da mulher.

P- Mas, como fica o papel da escola, o papel da universidade, no tratamento dessas questões, que envolvem jovens e adolescentes, de temas que ainda são tabus como sexualidade, drogas?

R- Eu acho que a escola multiplica, em um nível mais macro, aquilo que acontece na família. Dificilmente aquelas mães de família, que também são professoras, a não ser que estejam muito bem preparadas, vão passar e fortificar valores muito diferentes do que elas próprias têm. Na própria universidade vemos isso. E vou me deter mais no meu curso, a Medicina, que é a realidade que conheço melhor. A divisão das especialidades, conforme os sexos, os gêneros. A área cirúrgica ainda é uma área prioritariamente masculina, a área da traumatologia também. E a ginecologia, a obstetria, a pediatria, que envolvem a mãe, a mulher, são especialidades muito mais “femininas” do que essas outras especialidades. Então, ainda se multiplica muito, mesmo ao nível acadêmico, todo esse processo cultural que precisa de mais tempo para que se reformulem as idéias, para que sejam ocasionadas mudanças.

P- Na verdade, a sra. diria que, de certa forma, a escola e a própria

universidade ainda reproduzem valores antigos?

R- Acho que é isso aí. Embora a universidade deveria ter um papel que seria diferente, ela reproduz o conservadorismo. E digo isso porque dentro do curso de Medicina é muito claro, embora tenda a se modificar muitas coisas e eu acho que isso está se modificando. Existem outros cursos que isso funciona de forma diferente. As artes são muito mais liberais, trabalham o corpo de uma forma mais tranquila, embora também se trabalhe o corpo aqui na Medicina, mas o foco é totalmente outro. A Educação Física também. Existem certas áreas do conhecimento que favorecem uma igualdade de gênero e uma igualdade na passagem dos valores e percepções que eu acho que seja mais igualitária. Eu vejo o curso de Medicina ainda muito conservador. E veja outros cursos: Enfermagem e Fonoaudiologia são cursos prioritariamente femininos. São raros os homens que vão para essa área que trabalha com o “cuidado”, porque cuidar sempre foi algo originariamente feminino. Então, a universidade continua reproduzindo isso, embora, paulatinamente esteja se modificando. O curso de Medicina também tem se modificado. Hoje, 56% dos alunos são mulheres. E nos dois últimos anos, se não me engano, os dois primeiros lugares foram de mulheres. Portanto, está se modificando e acho que a universidade tem um papel importantíssimo nisso, nas propostas, nas inovações, nas conduções, nas aberturas dos diálogos, mas é importante lembrar, também, que quem propõe inovações ainda é alicerçado por esse espírito conservador que vem por trás de todo esse discurso.

“A mulher ainda tem na maternidade o seu eixo fundamental”

